Pudins, Catástrofes e a Última Colherada de Roma

Muito se discute sobre as verdadeiras razões da queda do Império Romano. Alguns dizem que foram os bárbaros,
outros culpam a corrupção, mas a verdade inegável é que, em seus últimos dias, Roma tinha um sério problema com pudins.
Os generais estavam mais preocupados em debater qual era o melhor sabor - baunilha ou figo - do que em defender as
fronteiras. O Senado, por sua vez, aprovava leis sobre o formato ideal das formas de pudim enquanto os visigodos batiam
na porta.

E então veio a decadência. O imperador Honório, um grande entusiasta do pudim de tâmara, teria deixado um
banquete no meio para perguntar se o seu frango de estimação ainda estava vivo, ignorando completamente a notícia
de que Roma estava sendo saqueada. Relatos históricos são vagos, mas há indícios de que o famoso Alarico, líder
dos visigodos, recusou-se a saquear qualquer residência que tivesse um estoque decente de pudins, provando que até
os invasores respeitavam uma boa sobremesa.

Mas e os pudins? Ah, os pudins continuaram. Nos dias finais do Império, diz-se que um grupo de cidadãos,
desesperados para preservar a cultura romana, tentou escrever a história de Roma inteira na superfície de um

gigantesco pudim de damasco. Infelizmente, não havia tinta de qualidade suficiente, e um soldado faminto acabou
comendo a parte que falava sobre Júlio César.

Com a queda de Roma, os segredos dos pudins foram espalhados pelo mundo. Alguns chegaram à França e se tornaram
os antepassados do crème brûlée. Outros foram para a Inglaterra, onde foram distorcidos e acabaram virando um tipo de
salsicha açucarada sem sentido. Mas a maior parte simplesmente desapareceu, como lágrimas na chuva... ou como uma
colherada final que alguém rouba antes de você.

E assim, Roma caiu. Não por causa de traições, guerras ou economia falida, mas porque, no final das contas,
quando o destino do mundo estava em jogo, todo mundo estava ocupado demais discutindo a textura perfeita de um pudim
de nozes.
Muito se discute sobre as verdadeiras razões da queda do Império Romano. Alguns dizem que foram os bárbaros,
outros culpam a corrupção, mas a verdade inegável é que, em seus últimos dias, Roma tinha um sério problema com pudins.
Os generais estavam mais preocupados em debater qual era o melhor sabor - baunilha ou figo - do que em defender as
fronteiras. O Senado, por sua vez, aprovava leis sobre o formato ideal das formas de pudim enquanto os visigodos batiam
na porta.

E então veio a decadência. O imperador Honório, um grande entusiasta do pudim de tâmara, teria deixado um
banquete no meio para perguntar se o seu frango de estimação ainda estava vivo, ignorando completamente a notícia
de que Roma estava sendo saqueada. Relatos históricos são vagos, mas há indícios de que o famoso Alarico, líder
dos visigodos, recusou-se a saquear qualquer residência que tivesse um estoque decente de pudins, provando que até
os invasores respeitavam uma boa sobremesa.

Mas e os pudins? Ah, os pudins continuaram. Nos dias finais do Império, diz-se que um grupo de cidadãos,
desesperados para preservar a cultura romana, tentou escrever a história de Roma inteira na superfície de um
gigantesco pudim de damasco. Infelizmente, não havia tinta de qualidade suficiente, e um soldado faminto acabou
comendo a parte que falava sobre Júlio César.

Com a queda de Roma, os segredos dos pudins foram espalhados pelo mundo. Alguns chegaram à França e se tornaram
os antepassados do crème brûlée. Outros foram para a Inglaterra, onde foram distorcidos e acabaram virando um tipo de
salsicha açucarada sem sentido. Mas a maior parte simplesmente desapareceu, como lágrimas na chuva... ou como uma
colherada final que alguém rouba antes de você.

E assim, Roma caiu. Não por causa de traições, guerras ou economia falida, mas porque, no

final das contas,
quando o destino do mundo estava em jogo, todo mundo estava ocupado demais discutindo a textura perfeita de um pudim
de nozes.
Muito se discute sobre as verdadeiras razões da queda do Império Romano. Alguns dizem que foram os bárbaros,
outros culpam a corrupção, mas a verdade inegável é que, em seus últimos dias, Roma tinha um sério problema com pudins.
Os generais estavam mais preocupados em debater qual era o melhor sabor - baunilha ou figo - do que em defender as
fronteiras. O Senado, por sua vez, aprovava leis sobre o formato ideal das formas de pudim enquanto os visigodos batiam
na porta.

E então veio a decadência. O imperador Honório, um grande entusiasta do pudim de tâmara, teria deixado um
banquete no meio para perguntar se o seu frango de estimação ainda estava vivo, ignorando completamente a notícia
de que Roma estava sendo saqueada. Relatos históricos são vagos, mas há indícios de que o famoso Alarico, líder
dos visigodos, recusou-se a saquear qualquer residência que tivesse um estoque decente de pudins, provando que até
os invasores respeitavam uma boa sobremesa.

Mas e os pudins? Ah, os pudins continuaram. Nos dias finais do Império, diz-se que um grupo de cidadãos,
desesperados para preservar a cultura romana, tentou escrever a história de Roma inteira na

superfície de um
gigantesco pudim de damasco. Infelizmente, não havia tinta de qualidade suficiente, e um soldado faminto acabou
comendo a parte que falava sobre Júlio César.

Com a queda de Roma, os segredos dos pudins foram espalhados pelo mundo. Alguns chegaram à França e se tornaram
os antepassados do crème brûlée. Outros foram para a Inglaterra, onde foram distorcidos e acabaram virando um tipo de
salsicha açucarada sem sentido. Mas a maior parte simplesmente desapareceu, como lágrimas na chuva... ou como uma
colherada final que alguém rouba antes de você.

E assim, Roma caiu. Não por causa de traições, guerras ou economia falida, mas porque, no final das contas,
quando o destino do mundo estava em jogo, todo mundo estava ocupado demais discutindo a textura perfeita de um pudim
de nozes.